

Trump exalta história dos EUA em aniversário de 250 anos

Evento em Washington foi afetado por calor e risco de tempestades

/ ESTADOS UNIDOS

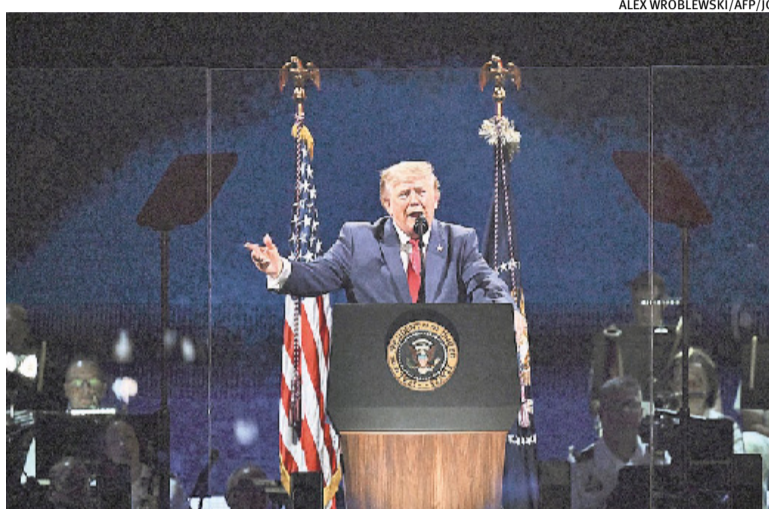
Após os contratemplos do dia, que incluíram altas temperaturas e ameaças de tempestade, o presidente Donald Trump encerrou as festividades da independência americana com um elogioso discurso em Washington, centrado na ideia de um excepcionalismo americano. “Esta é a terra da liberdade”, disse ao público. “Vida longa à causa da independência.”

Na sua fala, Trump exaltou a história do país e diversas vezes criticou o comunismo, a que se referiu como “câncer”. Afirmou também, referindo-se à bandeira dos EUA, que as estrelas e faixas venceram a foice e martelo comunistas uma vez e voltarão a fazê-lo se preciso.

O presidente voltou também a insistir em diversas de suas plataformas políticas, como a proibição de votos por correio. Seu partido enfrenta um duro pleito legislativo neste ano, na metade de seu mandato.

Ao palco, Trump levantou veteranos de guerra e astronautas e falou sobre a guerra no Irã, um de seus principais desafios políticos neste ano. “Os EUA afundaram toda a marinha iraniana”, disse.

Em seguida, foram disparados os tradicionais fogos de artifício da capital, diante do obelisco em homenagem a George Washington. Trump quis que, neste aniversá-



Presidente disse que suas tropas ‘afundaram toda a marinha iraniana’

rio de 250 anos, o evento quebras-se o recorde atual, lançando mais de 800 mil explosivos nos céus de Washington.

Foi um dia tumultuado. As comemorações dos 250 anos de independência tinham sido interrompidas ao longo do dia por questões climáticas.

Primeiro, o desfile foi cancelado em decorrência das altas temperaturas. Depois, a abertura dos portões para o evento foi prorrogada. Em vez das 13h locais (14h em Brasília), abriram às 17h (18h).

No fim do dia, a ameaça de um temporal fez com que o público fosse evacuado do local. Assim, os portões só voltaram a ser reabertos próximo das 22h locais e o discurso do presidente Donald Trump teve início apenas às 23h15min,

durando cerca de 45 minutos.

Pelas redes, Trump tinha dito para o público não desistir do evento. “Tempestades trazem sorte, seja qual for a ocasião. Elas também tornam os eventos um pouco mais emocionantes”, afirmou.

“Vamos esperar passar. Não me importo se for às 2h da manhã ou daqui a uma hora. Parece que vai passar - e sempre passa. Eu estarei lá aconteça o que acontecer. Mas, normalmente, esse ‘acontecer’ acaba sendo uma coisa boa”, disse. “É sábado à noite. Vamos nos divertir, mesmo que fiquemos acordados até mais tarde hoje.”

“Estão dizendo que o discurso será às 23h. Quem se importa?”, indagou ele. Aparentemente, o público não ligou. O evento voltou a lotar após a reabertura.

Funeral de líder supremo reúne multidão em meio a crise com EUA

/ ORIENTE MÉDIO

Centenas de milhares de pessoas iniciaram neste sábado um funeral que durará vários dias em homenagem ao falecido líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei. Elas bateram no peito em sinal de luto diante do caixão coberto com a bandeira iraniana, em Teerã, e pediram vingança contra Israel e os Estados Unidos.

O funeral de Khamenei, que governou o Irã por décadas antes de ser morto aos 86 anos em um ataque aéreo em 28 de fevereiro, pode dar um impulso à teocracia do país e ao seu novo líder supremo, seu filho, o aiatolá Mojtaba Khamenei.

Isso é particularmente importante, visto que o Irã tenta usar seu controle sobre o Estreito de Ormuz como moeda de troca nas negociações com os EUA para um fim permanente da guerra, e enquanto

persiste a preocupação de que Israel possa atacar novamente.

A multidão presente na cerimônia em Teerã entoou “Morte à América”, refrão comum no Irã desde a Revolução Islâmica de 1979. O presidente americano não foi esquecido. Na multidão em Grand Mosalla, vários enlutados carregavam uma grande bandeira com os dizeres: “#MatemTrump”.

Durante a cerimônia, o principal negociador do Irã emitiu um alerta à França e ao Reino Unido sobre seus comentários a respeito de um possível lançamento de patrulhas conjuntas na hidrovía, a estreita entrada do Golfo Pérsico por onde, em tempos de paz, passava um quinto de todo o petróleo e gás natural. “A segurança de Ormuz reside nos estados costeiros - os criadores da crise serão responsabilizados pelas consequências de seu aventureirismo”, afirmou Gharibabadi.

Macron irá a Síria, diz mídia estatal de Damasco

/ RELAÇÕES EXTERIORES

O presidente francês, Emmanuel Macron, visitará a Síria em breve, informou a mídia estatal síria neste domingo. Ele será o primeiro líder ocidental a viajar ao país desde a queda de Bashar al-Assad, em 2024. Macron recebeu em Paris, em maio de 2025, o presidente sírio, Ahmad al-Sharaa, ex-líder islamista que tomou o poder.

Na ocasião, Macron prometeu que pressionaria a União Europeia e os EUA a suspenderem sanções severas contra a Síria, a maioria das quais já foi removida.

A agência de notícias estatal síria Sana, citando o gabinete de Al-Sharaa, não deu detalhes sobre quando Macron visitará o país. No entanto, ele participará de uma cúpula da Otan em Ancara, na Turquia, na terça e quarta-feira.

O conflito de 14 anos na Síria matou quase meio milhão de pessoas e deslocou milhões. A infraestrutura do país está em ruínas e, embora outras nações e empresas tenham feito grandes promessas de investimento, a Síria ainda precisa de centenas de bilhões de dólares para se reconstruir e tirar milhões da pobreza.

Venezuela sofre 800 tremores menores após terremotos

/ AMÉRICA DO SUL

O território da Venezuela foi alvo de mais de 800 réplicas - ou pequenos terremotos - desde o dia 24 de junho, quando dois tremores de magnitudes 7,2 e 7,5 devastaram grande parte do país.

A Fundação Venezuelana de Investigações Sismológicas, órgão responsável por este tipo de monitoramento, contabilizou 804 sismos até a sexta-feira. A maioria destes tremores, cerca de 98%, teve magnitude inferior a 4 - o que indica que, via de regra, não puderam ser sentidos pela população.

Não há limites bem definidos sobre o que são consideradas réplicas de um grande terremoto e o que, portanto, poderia ser consi-

derado um novo evento. Especialistas da área, no entanto, convergem que é frequente o aumento no número de sismos após um terremoto principal.

A Venezuela está na fronteira entre as placas tectônicas do Caribe e a Sul-Americana e, por isso, é comum haver atividade sísmica na região. Os terremotos gêmeos de magnitudes 7,2 e 7,5 foram, porém, os mais fortes deste século.

Segundo o serviço geológico dos Estados Unidos (USGS, na sigla em inglês), “os deslizamentos de terra desencadeados por esse terremoto (de 24 de junho) provavelmente serão significativos em número e/ou extensão espacial”. A agência publicou alertas para áreas do território venezuelano

próximas a rios ou grandes acúmulos de água, com risco elevado de novos deslizamentos e fluxos de detritos “por vários anos”.

Uma análise preliminar da Nasa concluiu que quase 59 mil edifícios provavelmente foram danificados ou destruídos em território venezuelano. O número de mortos em decorrência dos abalos sísmicos da última semana chegou a 2.954, segundo a atualização mais recente, divulgada neste sábado, e a expectativa é de que aumente à medida que as equipes consigam acessar os destroços. Segundo o regime, há mais de 16 mil feridos. O chefe de ajuda humanitária da ONU estima que ainda haja mais de 50 mil desaparecidos pelo país.

Leão XIV faz visita a epicentro do debate migratório na Europa

/ VATICANO

O Papa Leão XIV, que tem se desentendido com o governo Trump sobre suas políticas de imigração restritivas, esteve no sábado no epicentro do debate migratório na Europa, para homenagear as dezenas de milhares de pessoas que morreram tentando chegar à Europa em busca de liberdade e prosperidade.

O primeiro papa nascido nos EUA viajou para a ilha siciliana de Lampedusa para rezar em um cemitério de migrantes e celebrar

uma missa solene no local.

Lampedusa, uma faixa rochosa sem árvores com 9 quilômetros de extensão, é o principal porto de entrada na Europa para centenas de milhares de migrantes que atravessaram de barco vindos da Líbia ou da Tunísia.

O Papa encontrou-se com alguns migrantes no porto e depois caminhou sozinho até as rochas irregulares do cais. Em seguida, abençoou uma placa que dedicava o cais ao Papa Francisco, que o visitou em 2013, antes de celebrar a missa em terra firme.